



STATE OF THE
**AFRICAN
DIASPORA**

SOAD STATE NEWS

Boletim Informativo De Um Governo Global Sem Fronteiras
Edição Especial Sobre Agricultura



DIRETAMENTE DO GABINETE DO
VICE PRIMEIRO MINISTRO
HUGH JOHNSON

Conteúdo

Editorial do Primeiro Ministro

A Bolsa de Commodities Agrícolas da África
Ocidental

Entrevista com Rozen, gerente da bolsa de
commodities

The Panafrikan Agribusiness Commodity
Exchange

Entrevista com Hugh Johnson, Segundo Vice-
Primeiro Ministro do SOAD

A Conferência SOAD sobre Agricultura



Conteúdo

- Editorial do Primeiro Ministro	p.1
- A Bolsa de Commodities Agrícolas da África Ocidental	p.2
- Entrevista com Rozen, gerente da bolsa de commodities	p.2
-Bolsa Panafricana de Commodities Agrícolas.....	p.3
- Entrevista com Hugh Johnson, Segundo Vice-Primeiro Ministro do SOAD	p.4
- A Conferência SOAD sobre Agricultura	p.4
- Agricultura e Água	p.5
- Agricultura, Terra e Sem Terra	p.6
- Agricultura e cidades Lumi	p.7
- Agricultura e Medicina Tradicional	p.8
- Agricultura e novas tecnologias	p.9
- Seguros e pensões para os agricultores	p.10
- Os Desafios do Banco de Alimentos do SOAD.....	p.11
- Agricultura e fábricas.....	p.12
- Agricultura e Finanças, Declaração Final do Primeiro-Ministro.....	p.13

Editorial do Primeiro Ministro do Estado da Diáspora Africana



Este número de janeiro de nosso boletim informativo é um número especial, pois é totalmente dedicado ao tema da agricultura. Ao contrário do que muitos pensam, não temos nenhum problema de agricultura na África. Somos o berço da humanidade, fomos os primeiros a fazer agricultura, sabemos fazer, obrigado, e todos os outros povos que sabem da agricultura vêm de nós.

O único problema que temos é o fato de que plantamos alimentos e outros decidem o preço. A Costa do Marfim e Gana produzem dois terços da produção mundial de cacau, mas os preços são decididos na Bélgica e na Suíça, onde muitas crianças pensam que o chocolate é uma fruta que cresce nas árvores. Como resultado, os agricultores africanos recebem menos de 5% do negócio de Chocolate.

Portanto, o único problema é: quem controla o mercado e quem decide os preços? Obviamente, não somos nós. Todas as maiores bolsas de commodities agrícolas estão fora da África. É por isso que precisamos criar nossas próprias bolsas e processar nossas próprias matérias-primas para manter o valor agregado em casa.

O SOAD já faz parte da West African Commodity Exchange (WAACE), onde detemos 21% das ações. E agora estamos trabalhando para criar a Bolsa de Mercadorias de Agronegócio do Panamá (DACE), a fim de controlar nosso próprio negócio no Panamá. Portanto, este é o próximo desafio do SOAD para este novo ano!

A Bolsa de Commodities Agrícolas da África Ocidental

O Estado da Diáspora Africana (SOAD) é membro do Comitê Diretivo da Bolsa de Mercadorias Agrícolas da África Ocidental (WAACE), que é uma plataforma na qual as transações agrícolas são processadas.

No contexto do Acordo de Livre Comércio, já em vigor, o objetivo é aumentar o intercâmbio intra-regional. O WAACE também fornece meios de armazenamento, transporte e pagamento para os agricultores e cooperativas.

Embora na maioria das vezes os povos africanos dependam de condições e termos definidos pelos ocidentais, o WAACE está, na verdade, criando um ecossistema completo para os agricultores africanos na África, com base nos termos e condições africanos. É um instrumento poderoso para a segurança e soberania alimentar.

Fatos e números sobre o WAACE

Sede: Lomé / Banjul

Número de países envolvidos: 17

Número de agricultores envolvidos: 54 Federacoes e Cooperativas, incluindo mais de 2 milhões de membros

Gerente principal: Rozen Mohamed Kone



O Estado da Diáspora Africana é um dos membros do Conselho Diretivo.

Entrevista com Rozen Mohamed Kone



- Caro Rozen Mohamed Kone, você é o gerente líder da West African Commodity Exchange. Qual é o objetivo desta organização?

- A BOPAO-WAACE visa construir uma solução para a África Ocidental com visão – ela é uma iniciativa de vários países afim de construir um ecossistema comercial / agrícola autossuficiente para apoiar e desenvolver economicamente os produtores e a agricultura e agronomia de 17 países-alvo (15 países da CEDEAO e Mauritânia e Chade) com base em uma bolsa compartilhada de commodities agrícolas. Mais de 20 commodities são visadas: goma arábica, feijão-caupi, aves, gado, ovelhas, cabras, trigo, nozes de cola, leite de vaca, produtos da pesca, amendoim, soja, arroz, cebola, milho, milho, sorgo, dendê, amendoim, mandioca e derivados, pimentão, tomate, castanha de caju, gergelim.

-O que a Bolsa de Mercadorias conseguiu até agora?

-Posso citar várias etapas importantes:

1) Em julho de 2019, assinamos um MOU entre AOTAH-WACTAF e FinComEco / GMEX Group para projetar e implementar o BOPAO-WAACE.



2) Em setembro de 2019, criamos um Comitê Diretor para identificar estratégias, planos e modelos financeiros.

3) Nos meses de junho e julho de 2020, foi firmada a Constituição da Bolsa de Mercadorias pelos sócios envolvidos.

4) Em 17 de setembro de 2020, a Bolsa de Mercadorias foi registrada oficialmente na Gâmbia, e também temos escritórios no Togo.

-Quais são suas expectativas para o futuro e quais são os próximos passos?

- Uma vez que esses investimentos sejam acordados, será feito o seguinte:

- 1) Finalização do processo de levantamento de capital,
- 2) Estabelecer e implantar um banco de dados dos setores agro-silvícola-pastoral com informações de contato.
- 3) Monitorar, avaliar, mitigar riscos nas atividades comerciais entre compradores e membros de federações, cooperativas ou associações, de 17 países.
- 4) Melhorar 5 setores agro-silvícola-pastorais-pesqueiros por país: aumento da produtividade, pacote portões de fazendas, instalações de armazenamento, recebimento de armazém / recebimento de terceiros, logística e transporte, administração trans-fronteiriça, unidades de processamento.
- 5) Estabelecer e implantar um sistema de Recibos de Armazém Eletrônico (EWR) e Módulo de Financiamento (FM) a ser fornecido pelo BOPAO-WAACE.
- 6) Estabelecer um Módulo de Negociação Eletrônica (ETM),

- incluindo quadro de avisos e módulos de leilões,
- 7) Automação de garantia e financiamento de recibos eletrônicos de armazém,
- 8) Microcrédito para pequenos agricultores por meio de e-banking automatizado vinculado a e-vouchers para permitir o investimento em insumos (sementes, plantas, fertilizantes ou mais terras).

Bolsa Panafricana de Commodities Agrícolas



No contexto da reforma ministerial do gabinete ocorrida no início de dezembro, o Primeiro-Ministro decidiu dar prioridade à agricultura. É por isso que ele nomeou vice-primeiro-ministro, Hugh Johnson, que é o vice-presidente da Organização Mundial dos Agricultores de Cacau, e obviamente tem muita experiência nesta área. Conseqüentemente, o Sr. Johnson é a pessoa que irá liderar a Diáspora Commodity Exchange.

Muitos outros ministros irão também contribuir para essa iniciativa, como o Ministro da Agricultura, obviamente, mas também o Ministro da Economia Digital, o Ministro da Reparação, o Ministro da Infraestrutura, o Ministro da Medicina Tradicional, o Ministro da Economia, o Ministro da Família e da Economia Social, etc., sem falar em Timothy Mc Pherson, o Ministro das Finanças dos Territórios Marrom e fundador do Lumi, nossa moeda nacional

O Estado da Diáspora Africana (SOAD) já detém 21% da West African Commodity Exchange (WAACE), que já existe em 17 países. Agora, o vice-primeiro-ministro Hugh Johnson está trabalhando para criar a Bolsa Panafricana de Commodities Agrícolas.

**Entrevista com o Vice Primeiro Ministro
Hugh Johnson**



-Hugh Johnson, você é o Segundo Vice-Primeiro Ministro do Estado da Diáspora Africana (SOAD). Você está encarregado de criar a Bolsa de Mercadorias Agrícolas Panafricana. Você poderia nos contar sua experiência nessa área?

-Minha experiência no setor agrícola e seus desafios começa desde tenra idade. Filho de um fazendeiro, meu pai me levou consigo sempre que possível em reuniões com seus muitos colegas fazendeiros e que cuidavam como ele de Aves, gado, e várias culturas. Vendo os muitos desafios que os agricultores enfrentam, prometo de coração trazer melhorias significativas na vida de suas famílias e agricultores.

Estou intimamente envolvido com agricultores desde tenra idade, como presidente da Associação de Agricultores de Cacau da Jamaica, fundador da Associação de Agricultores de Cacau da Jamaica, Diretor da Sociedade Agrícola da Jamaica, e agora sou o Co-fundador e Vice-presidente da Organização Mundial de Agricultores de Cacau. Fundador e CEO da Johnson & Sons Organic Fertilizer Company Limited, que ganhou o Prêmio (FAO) de Segurança Alimentar e Biodiversidade (2008) e muitos outros prêmios e elogios por meu trabalho no setor agrícola.

-Quais são os principais desafios da agricultura no mundo pan-africano?

-Os principais desafios da agricultura na diáspora africana são se eu posso listar os cinco primeiros

- 1) A falta de financiamento
- 2) A falta de preços justos para nossos produtos
- 3) A falta de acesso à propriedade da terra
- 4) A falta de infra-estruturas agrícolas
- 5) A falta de manufaturas agrícolas

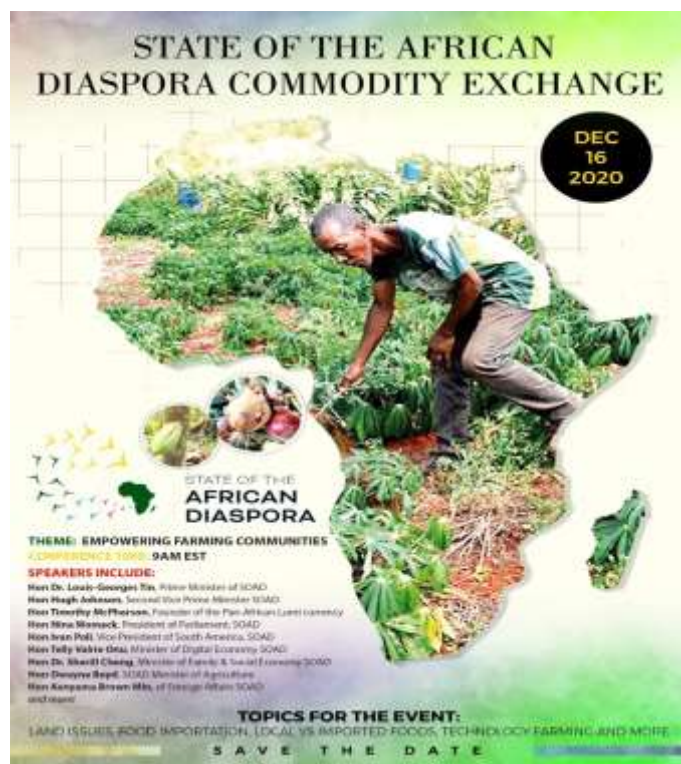
-Qual é o objetivo desta futura Bolsa de Mercadorias?

-O objetivo da Bolsa de Mercadorias Agrícolas Pan-Africana é criar condições equitativas para todos os participantes da cadeia de valor agrícola.

-Quais são as próximas etapas e qual é o seu calendário?

-As próximas etapas e cronograma são estabelecer uma Bolsa de Mercadorias do Agronegócio Pan-Africano que atenda aos requisitos de máxima transparência, responsabilidade e eficiência. Isso deve ser realizado nos próximos seis a 12 meses.

A Conferência Agrícola do SOAD





Em 16 de dezembro, o SOAD organizou uma conferência na plataforma zoom sob a autoridade do vice-primeiro-ministro Hugh Johnson. O título do evento foi: «Empoderamento das Comunidades Agropecuárias». Esta conferência, ou melhor, este seminário, dado o objetivo muito concreto, começou às 9h, horário da Jamaica, e terminou cerca de 5 horas depois, sendo Deandra Hamilton, a porta-voz do governo, o moderadora desta reunião.

Entre os palestrantes estiveram muitos ministros, deputados, especialistas em diferentes áreas. Na sala, estavam quase 70 pessoas, vindas dos EUA, Nicarágua, Brasil, Colômbia, Jamaica, Santa Lúcia, República Dominicana, Neville e São Cristóvão, Martinica, França, Alemanha, Itália, Suécia, Reino Unido, África do Sul, Camarões, Gâmbia, Congo, Costa do Marfim, Senegal, Índia. Foi realmente a Organização das Nações Unidas pan-africana.



Agricultura e Água

O Estado da Diáspora Africana opera tanto na África como na Diáspora, nosso objetivo é reforçar a África através da Diáspora, e a Diáspora através da África. Um dos principais desafios da agricultura africana é o acesso à água. E esse problema só pode piorar com o aquecimento global. Mais calor significa menos água, menos comida, mais fome e também mais conflitos, como pode ser visto na África Oriental ao longo do Nilo e em muitas outras regiões.

Para resolver este problema, Emmanuel Ngombet, Ministro da Infraestrutura do SOAD, trabalha num programa de ação que consiste em dessalinizar a água do mar e depois transportá-la para as terras áridas do interior da África onde as pessoas poderão beber e usar para o seu atividades agrícolas. Como resultado, vai alimentar suas famílias, aumentar suas receitas, reduzir a pobreza e limitar os conflitos potenciais entre as comunidades.



Estação de Dessalinização de Água em Agadir

Atualmente, existem dois processos para dessalinizar a água do mar: o processo térmico e a osmose reversa. O primeiro método significa extrair a água doce da água do mar pelo aquecimento da mistura. À medida que a água se condensa, o sal e as impurezas permanecem na forma sólida. O vapor d'água é então colocado em um tubo selado para ser resfriado e transformado em água pura e líquida. O segundo consiste em filtrar a água do mar usando poderosas bombas de alta pressão, permitindo que apenas as moléculas de água passem. Este é o modelo que usaremos, pois requer menos energia. A estação prevista pelo Ministro da Infraestrutura deverá começar a produzir cerca de 275 mil metros cúbicos de água por dia, 150 mil para consumo alimentar e 125 mil para irrigar 50 mil km² de plantações, atingindo idealmente 450 mil por dia, a sua capacidade máxima



Assim, será possível plantar árvores frutíferas, numa área de quase 10 milhões de km², e administrar essa abundante produção de frutas e hortaliças, em todas as estações, por meio de uma empresa africana de frutas e hortaliças. As empresas agroalimentares, que serão responsáveis pelo processamento / embalagem de



de grande parte da produção de frutas e hortaliças, terão um valor agregado considerável.

Outra meta do projeto é reabastecer os rios (e o Lago Chade) em pequenas doses por dia em água doce. A pesca pode então ser organizada e, uma vez alimentados, os rios (Senegal, Níger, Nilo) terão um fluxo regular e constante durante todo o ano, pelo que será possível produzir eletricidade através de barragens hidroelétricas flutuantes de 2 MW cada.

Agricultura, a Terra e os Sem Terras
Por Ivan Poli, Vice Presidente do Parlamento
responsável pela América do Sul



O Brasil é a maior potência agrícola do Mundo sendo responsável por 1/6 da produção mundial de grãos, o maior exportador de soja e o maior rebanho bovino do mundo. O país conta com organismos de desenvolvimento tecnológico agrícola como a EMBRAPA que levaram o país a esta posição. Contudo a realidade no campo é dividida em duas; a realidade dos grandes produtores e grandes latifúndios que contam com amplas linhas de crédito de bancos estatais, privados e de desenvolvimento nacionais e a realidade dos pequenos produtores na agricultura sobretudo de subsistência como é o caso dos quilombos e das cooperativas agrícolas familiares que muitas vezes nem têm o seu direito à terra reconhecido pelos organismos governamentais. Portanto o direito à terra no país é algo que, apesar do projeto de Reforma Agrária desde os anos 80 e 90, não tem sido amplamente assegurado no país onde muitas vezes acontecem conflitos (algumas vezes sangrentos)

no setor rural promovidos por movimentos de luta por direito à demarcação de terras para os sem-terra como o Movimento dos Sem-Terra MST que muitas vezes ocupam propriedades rurais improdutivas utilizadas para especulação imobiliária no meio rural com a finalidade de assentar acampamentos de colonos que não tiveram ainda seus lotes de terra atribuídos pelo governo no projeto de Reforma Agrária. A política de demarcação de terras para os quilombolas (comunidades remanescentes de quilombos de afro descendentes que resistiam a escravidão) e reforma agrária varia muito de governo a governo. Entre 2003 até 2016 com os governos progressistas no país foram demarcados milhares de hectares de terra para quilombolas e a pequenos produtores rurais.



Depois disso com o advento de governos mais conservadores, sobretudo depois de 2019 com o governo atual, o próprio presidente Bolsonaro encerrou o processo de demarcação de terras para quilombolas e indígenas e tem voltado todo investimento estatal em agricultura para os grandes latifúndios e beneficiado aqueles que fazem queimadas nas áreas de floresta nativa como a Amazônia e o bioma do Pantanal para a pecuária e a plantação de soja para exportação, assim como aos grandes latifúndios e o incentivo à mineração predatória. Portanto o direito à terra assim como ao financiamento agrícola para as comunidades afro-descendentes quilombolas, pequenos produtores da economia familiar e os sem terra está cada vez menos assegurado na política do atual governo Federal brasileiro eleito desde outubro de 2018 assim como o



ambiente devido às queimadas nas áreas de floresta e grandes biomas naturais para fins da pecuária e grandes plantações também corre risco e neste sentido que nossa ação como banco de Desenvolvimento Pan-africano ECO 6 se faz essencial na associação com outras associações da sociedade civil para garantir o direito ao financiamento agrícola de comunidades quilombolas e sem terra. Não podemos negligenciar esta luta que é de todos, assim como o caso da luta antirracista.



Agricultores Sem Terra protestando frente a Polícia

**Agricultura e Cidades Lumi ,
pela Vice Primeira Ministra Keturah Amoako**



Não há alimentos naturais nas grandes cidades, a maioria dos alimentos nos supermercados são transgênicos, híbridos, sem sementes, sem solo, sem sol ou feitos de material desconhecido criado em laboratório. Temos o dever, na verdade a obrigação de restaurar e regenerar o cultivo, a colheita e a produção naturais autênticos de alimentos.

Como africanos na diáspora, a maioria de nós perdeu a conexão com a terra, seu som, sua vibração, sua energia, seu pulso, sua frequência. Perdemos a conexão com o céu noturno, passamos a maior parte de nossas vidas em casas, carros, escritórios, lojas, bares, etc. As luzes da rua obscurecem o céu noturno - perdemos nosso contato com as estrelas, os planetas, as

energias de a sombra do sol e as energias da lua. As conversas noturnas dos insetos e criaturas da noite. As cidades nos desconectam em muitos níveis e, essencialmente, essa construção que aceitamos como vida no ocidente não é quem somos e nem o que queremos fazer.

Temos a oportunidade única e abençoada de criar, projetar, e construir nossas próprias cidades. Temos quase 30 projetos de cidades inteligentes, que gosto de chamar de LUMI Cities. A LUMI, a nossa moeda nacional, como todos sabem, surgiu devido aos desafios das alterações climáticas e, assim, a LUMI complementa a ética apoiando a forma como abordamos as construções das cidades, a edificação e na manutenção da eficácia da raiz e significado do LUMI.

Existem agora em vigo uma variedade de metodologias agrícolas e podemos seleccionar e empregar métodos mais ecológicos e limpos de produção e fabricação de alimentos



Devemos certamente, dentro de nossas cidades LUMI e em nossas comunidades locais em geral, chegar a um ponto em que não devemos pagar por produtos frescos, porque eles crescem ao nosso redor. A natureza dá livremente, portanto, com a consciência de nossos habitantes da cidade luminosa, devemos plantar uns para os outros; assim, a agricultura urbana LUMI seria incorporada à vida profissional diária.

Assumiremos esses princípios para garantir que o futuro de nossas gerações desfrute de alimentos da mais alta qualidade vibracional, não apenas na África, mas em todo o mundo. Como Pan-africanos globais, este é um momento histórico que devemos utilizar ao máximo.

Devemos permitir que a natureza faça o que ela faz, ou



seja, crescer, se reproduzir e se transformar e, como seres vivos, temos a oportunidade de nos afastar de sermos submetidos a cidades concretas, mas passar a ser parte integrante das selvas verdes de nossas cidades LUMI.



Agricultura e Novas Tecnologias



Portanto, nosso comércio e trocas de commodities formarão a espinha dorsal e o pilar de nosso movimento global no comércio de alimentos e certamente experimentando a variedade de alimentos e medicamentos que podem ser colhidos e fabricados na diáspora global para melhorar nossa economia e bem-estar social, nacional e internacional. É assim que vemos nossas cidades inteligentes e LUMI.



De acordo com o McKinsey Center for advanced Connectivity, «se a conectividade for implementada com sucesso na agricultura, a indústria poderia agregar US \$ 500 bilhões em valor adicional ao produto interno bruto global até 2030».

Principalmente na África, onde 65% da população trabalha na agricultura, há um grande potencial de desenvolvimento. E como a população está crescendo muito rápido, é crucial aumentar o nível de tecnologia para garantir que todos tenham acesso à segurança alimentar.

Existem muitos obstáculos ao desenvolvimento de novas tecnologias na agricultura - a maioria deles são na verdade psicológicos. As pessoas costumam ver a agricultura como uma atividade tradicional, o que é verdade. Mas mesmo as tradições mais antigas podem se beneficiar das novas tecnologias.

Algumas pessoas relutam em aceitar novas tecnologias. É verdade que nem tudo é bom nas novas tecnologias, a exemplo do OGM. Mas, da mesma forma, nem tudo

é bom nas antigas tradições. Portanto, o que quer que façamos, antigo ou novo, precisamos separar o que é relevante e o que não é. E, de fato, a adoção de tecnologias emergentes está se expandindo a uma taxa maior do que a capacidade do consumidor de entender as novas oportunidades. Muitos exemplos podem ser dados. Os mais óbvios são os sensores de solo e água, que não são muito caros; eles podem ajudar a decidir quando regar ou fertilizar precisamente sem qualquer desperdício. O controle da irrigação é obviamente um benefício importante, especialmente em uma época de aquecimento global, quando a água pode se tornar cada vez mais escassa. Os drones também podem ajudar a monitorar a atividade agrícola, pois fornecem imagens de alta resolução revelando informações sobre o desenvolvimento da cultura, pragas e infecções bacterianas ou por fungos, etc. O que levaria muito tempo e recursos humanos quando o campo é grande e pode ser feito rapidamente à distância.



Além disso, as instalações de blockchains têm se mostrado muito eficientes para rastrear todas as mercadorias na cadeia de abastecimento, para saber onde está o quê e para garantir que os produtos sejam entregues no prazo e em boas condições. Agora, há tratores e até ônibus sem motorista que ajudam os agricultores a realizar atividades que normalmente demandariam muito tempo, energia e dinheiro. E, claro, as novas tecnologias são ainda mais importantes na transformação, nas fábricas e no agronegócio, onde precisamos desenvolver novos produtos, novas instalações de armazenamento e transporte, novos sistemas de pagamento, ou mesmo às vezes novas formas de preservar a tradição.

Seguro e Previdência para Agricultores Pan-Africanos

Na África e na Diáspora, os pequenos agricultores estão tradicionalmente expostos a muitos riscos: secas, inundações, ciclones, insetos, epizootias, etc. E, por causa do aquecimento global, essas catástrofes só podem acontecer cada vez mais. Quando os pequenos agricultores perdem a safra, porque não têm dinheiro, não têm garantia, não têm acesso ao crédito, dados os empréstimos a serem pagos, eles não têm mais futuro, é a ruína final.



E se escaparem de todos esses riscos, há outro de que provavelmente não escaparão, principalmente entre as comunidades pan-africanas: a pobreza. Paradoxalmente, quem alimenta o mundo dificilmente consegue se alimentar. Têm salários muito baixos, não têm poupança, não têm capacidade para financiar a pensão, por isso têm de trabalhar até morrer, o que muitas vezes acontece prematuramente. Eles trabalham muito tarde, morrem muito cedo: suas vidas estão constantemente exauridas, comprometidas, sem descanso, sem férias e sem aposentadoria.

É por isso que o Estado da Diáspora Africana decidiu criar dois serviços diferentes. O primeiro é um seguro. Este programa de seguro SOAD será associado a seguradoras locais. Os pequenos agricultores terão a oportunidade de receber os Lumis do Eco-6, podendo economizar parte dessa receita para o seguro. E quando ocorrer um problema, eles receberão o suporte de que precisam. Este seguro estará disponível para os cidadãos da África e da Diáspora, especialmente para os membros da Bolsa de Mercadorias. O segundo programa é o

regime de pensões e previdência. O SOAD fornecerá um esquema de pensão para os pequenos agricultores, os Sem Terra, os mais pobres. O programa será desenhado e implementado por Blaise Mendjiwa, especialista internacional em seguros e pensões.



Agricultura e Medicina Tradicional

-Senhor Thurston Bilal, o senhor é o Ministro da Medicina Tradicional. O que é exatamente medicina tradicional?

-Medicina tradicional refere-se a métodos de cura usados pelos povos autóctones desde o início dos tempos que incluem práticas de saúde, abordagens, conhecimentos, protocolos que incorporam plantas nativas, medicamentos de base animal e mineral, terapias espirituais, técnicas manuais e exercícios aplicados isoladamente ou em combinação para tratar, diagnosticar ou prevenir doenças e ou manter uma boa saúde

-Quais são seus poderes e seus limites em comparação com a medicina ocidental?

-Seus poderes são que o Criador forneceu plantas comestíveis (alimento celular) em todas as regiões que podem ajudar o corpo em sua capacidade natural de limpar, nutrir e curar a si mesmo e com base no conhecimento da pessoa / curador você pode se curar desde que como você não espere muito ou provoque muito dano a si mesmo comendo alimentos e bebidas feitos pelo homem que o corpo não pode processar.



O único limite, na minha opinião, em comparação com a medicina ocidental, está nas situações de emergência. A medicina ocidental tem procedimentos que podem estabilizar uma pessoa e parar o sangramento de um conjunto ósseo ou até mesmo mantê-lo respirando.

-Qual é o seu programa de ação para o Estado da Diáspora Africana?

-Eu gostaria de organizar programas diferentes:

- 1) Centros de cura de medicina tradicional que incluirão pesquisas sobre plantas medicinais e comestíveis tradicionais
- 2) estabelecer aldeias de cura que irão empregar as artes de cura e todas as outras ciências naturais de cura e manter registros detalhados de nossos resultados antes e depois das folhas de diagnóstico,
- 3) estabelecer bancos de sementes e laboratórios em cada região e escola para abrigar o conhecimento das artes de cura para fazer pesquisas para se certificar de que não são híbridos / feitos pelo homem e para criar

fórmulas de cura e testá-las.

-Como podemos desenvolver uma espécie de «agro-farmacopia», para usar a palavra cunhada pela vice-primeira-ministra Amoako, isto é, como podemos fazer agricultura para efeitos da medicina tradicional?

- Com muito cuidado, em primeiro lugar, a maior parte da agricultura é feita de uma forma pouco natural, quebrando o solo e perturbando o sistema ecológico, adicionando fertilizantes feitos pelo homem e produtos químicos, não é assim que as coisas crescem naturalmente na selva, onde as ervas mais poderosas do planeta crescem . As famílias e comunidades de plantas se nutrem mutuamente e o ambiente alcalino, temos que refletir sobre isso.

-Como a medicina africana pode ser reconhecida internacionalmente, mas também na África, onde ainda há muito por fazer?

- Precisamos criar uma infraestrutura em nossas aldeias / centros de cura e manter planilhas diagnósticas detalhadas de todos os nossos sucessos na cura de patologias, e criar infraestruturas para processar e fabricar nossas próprias fórmulas no continente e comercializá-las, então reconhecimento africano e internacional virão.

Os Desafios do Banco de Alimentos do SOAD

O programa do Banco de Alimentos do SOAD começou oficialmente em 29 de março de 2020. Nina Womack, Presidente do Parlamento SOAD, é a diretora do programa. Os dois vice-diretores são Melvin Brown, vice-presidente do Parlamento SOAD para a América Central e o Caribe, e Gemma Vecchio, vice-presidente do Parlamento encarregada da Europa.



A pandemia de COVID-19 e os recentes furacões na América Central tornam o programa relevante na vida das pessoas no dia a dia, que lutam para sobreviver às condições adversas nas comunidades, territórios, palenques, reinos, quilombos, tribos, nações e estados nacionais aos quais pertencem .

Do ponto de vista institucional, o SOAD está construindo um sistema de resposta a emergências. A segurança alimentar é um componente importante do sistema, assim como a capacidade de infraestrutura para obter acesso com ajuda e alívio em fazem



parte do processo de resposta.

No Panamá, onde estamos baseados, atendemos mais de 6.047 pessoas de diferentes grupos etários e condições socioeconômicas e médicas. Oferecemos assistência e alimentação a negros, mestiços, indígenas e comunidades afrodescendentes



O programa está operando atualmente a partir de um espaço de escritório compartilhado com Melvin Brown Consultas como parte de um acordo de colaboração entre SOAD, MBC Consulting Firm e Afropanamanian Foundation for Sustainable Development.

No Panamá, estamos operando em 7 comunidades e duas províncias, mas temos mais de 30 comunidades que não alcançamos nas 2 províncias onde estamos trabalhando atualmente. Temos 11 voluntários que trabalham em média 72 horas por semana combinando atribuições. Estamos muito distantes de uma operação nacional; para crescer, precisamos aumentar o abastecimento de alimentos, equipamentos adicionais, capacidade logística para transportar produtos secos e refrigerados.

Até agora, o custo operacional do programa é de cerca de 250.000 dólares, entre serviços em espécie, doações em dinheiro, doações de alimentos, presentes para crianças. Precisamos de 50 milhões de dólares para 2021 ter uma operação nacional com instalações em 9 províncias, equipamentos e cadeias de abastecimento. Para a América Central e o Caribe, precisamos de 1,5 bilhão de dólares.

O SOAD Commodity Exchange, desenvolvido por Hugh Johnson, segundo vice-primeiro ministro do SOAD, é muito importante estrategicamente para o Programa Global de Alimentos. Os excedentes, que sempre



existem, podem ser destinados ao nosso banco alimentar global. Ter suprimentos de produtos agrícolas é crucial para a sustentabilidade e expansão do Programa de Alimentos SOAD. E as pessoas que são privadas de alimentos também poderiam receber apoio, educação e oportunidades de emprego de nós e da Diáspora Commodity Exchange, para que não dependam mais do banco de alimentos SOAD.

Agricultura e Fábricas

No setor agrícola, a situação não é diferente da das minas, da energia e de qualquer outra matéria-prima: a África produz muito, mas não fabrica. Nossos produtos são enviados e transformados no exterior, onde todo o valor agregado é feito, e depois eles voltam para a África, a um preço altíssimo, claro. Portanto, sendo fonte de muitas coisas, os agricultores africanos continuam explorados.

Por isso, uma das soluções é construir fábricas em todo o continente. Não podemos deixar a África em sua condição atual, precisamos transformar tudo em casa, servir primeiro a nossa população e depois exportar o excedente. É por isso que o Estado da Diáspora Africana começou a contribuir para este processo do agronegócio.

Por exemplo, quando se trata de cacau, temos três projetos industriais. As tendências emergentes de consumo de chocolate na Europa Ocidental, nos Estados Unidos e cada vez mais na Ásia tornaram a indústria global de chocolate pronta para uma transformação. É por isso que o SOAD tem o prazer de trabalhar agora em três fábricas de chocolate, uma na Costa do Marfim, uma no Congo e uma em Gana. Provavelmente, no futuro, também construiremos outras na Diáspora.

O objetivo é produzir chocolate de alta qualidade de maior valor agregado. Um dos membros da nossa rede recebeu recentemente o 2º prêmio entre várias centenas de candidatos em um concurso mundial. Ele está disposto a ajudar pequenos produtores pan-africanos a aumentar o nível de qualidade de seu produto. Isso é o que deve ser feito em cada setor.



Terreno de Fábrica de Chocolate consiste em quatro prédios principais, (1) Administrativo, (2) Fábrica, (3) Centro de Treinamento (4) Edifício de

Agricultura e Finanças



Declaração Final do Primeiro Ministro

«No passado, podíamos ver fotos horríveis de crianças morrendo de fome, com as moscas ao redor. Todos nós acreditamos que essas imagens eram história. Mas, por causa do aquecimento global, eles também podem se tornar nosso futuro.

Na verdade, enquanto a África é responsável por apenas 5% do aquecimento global, 2/3 dos países mais afetados pelas mudanças climáticas estão de fato na África. Portanto, isso significa que a África está pagando, e nós pagaremos cada vez mais pelos erros causados por outros. Acontece o mesmo nas ilhas do Caribe e na América Central, onde os furacões são cada vez mais violentos, destruindo plantações, casas e comunidades todos os anos.

Os países ocidentais e a China, é claro, não querem assumir suas responsabilidades e se recusam a pagar qualquer reparação climática séria - assim como se recusam a pagar uma reparação pela escravidão e colonização. Se não fizermos nada, veremos o avanço do deserto, o agravamento dos furacões, o aumento da fome, dos conflitos e das guerras de fome. É por isso que nossos programas de ação agrícola na África e na Diáspora são uma prioridade e uma emergência.

A conferência organizada por Hugh Johnson ocorreu em 16 de dezembro de 2020. A Panafrican Agri-business Commodity Exchange deve ser lançada até 16 de dezembro de 2021.

Este é um compromisso do SOAD. Após minhas consultas com os dois vice-primeiros-ministros, Sra. Keturah Amoako e Sr. Hugh Johnson, decidi que o Estado da Diáspora da África investirá pelo menos 1 bilhão de dólares em Lumis para desenvolver a Diáspora Agri-Business Commodity Exchange (DACE)



E também, após discussões com o Ministro das Infraestruturas, Emmanuel Ngombet, o mesmo montante será investido para financiar o programa de transporte de água para África, em particular na África Ocidental, onde já temos uma base, com a West Africa Commodity Exchange.

Depois de 2020, que tem sido um ano tão difícil para todos, e ainda mais para os mais pobres e para o povo pan-africano em particular, o Estado da Diáspora Africana tem muito orgulho de trazer este estímulo para 2021: 1 bilhão para a África, 1 bilhão para Diáspora, este é o compromisso do SOAD para começar o novo ano em melhores condições. »